*José Guilherme Cantor Magnani*¹
NAU/USP

O artigo de Renée de la Torre e Cristina Gutiérrez Zúñiga, *Transnacionalización de las danzas aztecas y relocalización de las fronteras*, em que realizam uma análise comparativa de duas construções de um mesmo ritual, a dança azteca em homenagem a *Cuauhtémoc* – que celebra a ancestralidade da linhagem étnico-racial azteca de uma nação “original” concebida como *Aztlán* – apresenta interessantes aspectos, tanto do ponto de vista metodológico como das significativas diferenças entre ambas versões da mesma festa.

O artigo desenvolve em detalhes a dinâmica da celebração, as referências, as evocações míticas e históricas e o processo de sua recriação, de forma que não há necessidade de retomar, neste breve comentário, esses aspectos. O que importa é, em primeiro lugar, ressaltar, na proposta metodológica seguida, o caráter de experimento da etnografia em que duas pesquisadoras, cada qual num lado da fronteira entre dois países, estabelecem parâmetros de comparação para a análise de uma mesma celebração: as diferenças e semelhanças dos contextos de sua realização, da sequência cerimonial, dos personagens envolvidos, de suas motivações e expectativas.

Mas a estrutura do ritual é a mesma, e a primeira constatação é a vitalidade de uma tradição que, recriada, é capaz de produzir novos significados a partir de numa narrativa comum. No entanto, é patente a diferença que distingue ambas realizações: num caso, no lado mexicano (Tijuana), o que imprime a marca é a conotação política, alimentada pelo muro que separa – neste ponto é retomada uma referência histórica de longa duração – e que acentua desigualdades e conflitos no presente.

Neste caso, a narrativa do ritual oferece um espaço não apenas de rememoração, mas de discussão de temas atuais, principalmente a política

¹ Professor da Universidade de São Paulo e coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana da USP.

estadunidense de fronteiras, com tom fortemente combativo. No lado norte-americano, em Los Angeles, com mais sincretismos (entre elementos católicos/“concheros”, aztecas e até mesmo com traços *hippies* e da corrente *New Age*) a ênfase é no caráter de espetáculo, de celebração da hispanidade numa sociedade multicultural.

No entanto, por sobre as diferenças (política *versus* espetáculo; indiana *versus* sincretismos etc.) paira a figura de *Cuauhtémoc*, projetando a utopia cuja base é uma espécie de nacionalidade transnacional: nesta perspectiva, o muro, além da violência que instaura e simboliza, torna-se obsoleto, agramatical: nada mais distante e deslocado num território que se almeja na forma de um amplo *circuito*, cortado em *trajetos* percorridos por parceiros cujas diferenças antes alimentam as trocas do que as impedem. Dessa forma, melhor pensá-lo como *pórtico* que, em vez de separar, configura um umbral que se atravessa...